

HORAS DE CHEGADA À SESSÃO DE ENCERRAMENTO DO SIMPÓSIO

A TER LUGAR NO PARQUE "5 DE JULHO"

Sua Excelência o Senhor Secretário-Geral Adjunto do PAICV	18H10
Sua Excelência a Senhora Ana Maria Cabral	18H15
Sua Excelência a Senhora Presidente da Assembleia Nacional Popular da República Democrática de S.Tomé e Príncipe	18H20
Sua Excelência o Senhor Secretário Geral do PAICV	18H25

SIMPÓSIO AMILCAR CABRAL

IDENTIFICAÇÃO NACIONAL

MORAL, PARTIDO E DEMOCRACIA

Reflexões à luz do pensamento de AMILCAR
CABRAL e da experiência de Cabo Verde

OLIVIO PIRES

Praia, Janeiro de 1983

Várias são as facetas da figura de Amílcar Cabral e muitas as direcções do seu pensamento, que vêm sendo realçadas no decurso deste Simpósio e manifestam o carácter excepcional da sua personalidade.

Amílcar Cabral foi, com efeito, dessas raras personalidades que, dotadas de inteligência viva e outras qualidades extraordinárias, conseguem apreender o processo histórico da sociedade em que vivem e influir, mediante a sua acção, no seu desenrolar, acelerando-o.

Assassinado num período fértil da sua vida, em que a actividade criadora é fecunda pela dura experiência, quanto não teria ganho o nosso povo se pudesse ter contado com a sua capacidade e inteligência nesta fase de reconstrução nacional!

Continuando, todavia, a guiar os nossos passos e contribuindo com as suas ideias para as transformações exigidas pela libertação dos povos, Amílcar Cabral, projecta-se para lá da conquista da independência política e para fora das fronteiras das nações que fundou, revelando uma dimensão histórica que se situa na perene continuidade da sua obra.

As trévas-nestras da política de reconstrução nacional foram lançadas por Amílcar Cabral, encontrando-se as ideias-força para a transformação política, económica, social e cultural da sociedade sistematizadas no Programa do Partido aine da vigente, que sintetiza as aspirações do nosso povo.

Para Amílcar Cabral e para o Partido que fundou, a nação é soberana, independente económica, diplomática, militar e culturalmente; ela é una, reconhecendo iguais direitos e deveres a todos os cidadãos, seja qual for o sexo e origem social, o nível cultural, a profissão, a condição de fortuna e as crenças religiosas ou convicções filosóficas; nela o regime é democrático, laico, anti-colonialista e anti-imperialista; é uma nação em que os actos do poder se baseiam na observância da lei. No plano económico, o esforço nacional deve orientar-se para a liquidação das relações do tipo colonialista ou imperialista e para a busca de um desenvolvimento harmonioso e planificado, não espontâneo nem sujeito apenas às leis do mercado; a terra pertencerá a quem a trabalhe; a cultura será desenvolvida e generalizada como factor de libertação do povo; é, enfim, uma nação sem exploração do homem pelo homem, em que os altos valores morais prevalecerão e todo o povo participará efectivamente na gestão da coisa pública, em todos os domínios. No plano externo, é uma nação que defende a unidade com outros povos africanos - como condição da verdadeira independência, e a colaboração pacífica com todos os povos na base do respeito mútuo, da igualdade e reciprocidade de valores.

Cabral sempre considerou a independência nacional na sua globalidade; independência política, económica, diplomática, militar e cultural. A independência política formal nunca foi por ele vista senão como a condição primeira da libertação nacional. Partindo da premissa de que "o modo de produção, cujas contradições se manifestam com maior ou menor intensidade por meio da

luta de classes, é o factor principal da história de cada conjunto humano, sendo o nível de desenvolvimento das forças produtivas a verdadeira e permanente força motora da história". Amílcar Cabral conclui que só há libertação nacional quando as forças produtivas nacional são completamente libertadas de qualquer espécie de dominação estrangeira.

No processo de libertação nacional que corresponde a uma revolução, pela mutação profunda que exige no processo de desenvolvimento das forças produtivas", viu Amílcar Cabral factores francamente favoráveis e outros desfavoráveis, internos e externos. Nos factores internos, sem menosprezar o subdesenvolvimento económico, com o consequente atraso social e cultural das massas populares, Cabral apontou como o mais relevante "a fraca ou nula atenção dada, na definição da estratégia de luta, à estrutura económica e social e às tendências da sua evolução".

Foi a partir dessa interpretação do fenómeno da libertação nacional que Cabral definiu os princípios que até hoje norteiam a nossa acção e traçou a estratégia da luta, a qual assenta numa unidade dialéctica entre a teoria e a prática: a prática fecunda a teoria e a teoria suporta e desenvolve a prática. Para Cabral, a teoria é uma arma válida mas apenas na medida em que, aprofundando a prática, concorra para transformação da realidade. É a partir do conhecimento da realidade e principalmente da análise e correcta apreensão dos seus aspectos sócio-económicos e cultural, que são definidas as metas da luta.

Cabral demonstrou que as massas são a fonte da cultura e ao mesmo tempo a única entidade capaz de a desenvolver e preservar, portanto de fazer a história. Mas a cultura, embora tenha um carácter eminentemente popular, de massas, não é uniforme nem se desenvolve de modo igual em todos os estratos da sociedade ou seja, ela também tem um carácter de classe.

Efectivamente, se a atitude e o comportamento de cada categoria ou de cada indivíduo face à luta e ao seu desenvolvimento são ditados pelos interesses económicos, eles são também influenciados pela cultura.

A análise da cultura, dos seus aspectos positivos e negativos, dos elementos de progresso e de estagnação ou de regressão, foi considerada fundamental na definição da estratégia e das táticas do movimento de libertação e para a correcção dos desvios.

A materialização do projecto libertação nacional, com o conteúdo anteriormente exposto, exige uma base teórica-ideológica, que defina os objectivos a atingir em cada etapa da luta, em função da realidade em que se desenvolve, das suas contradições internas. É ainda indispensável a essa materialização, a existência de uma organização política forte, coesa e bem estruturada, capaz de interpretar e traduzir de forma clara as aspirações das massas, e de mobilizá-las e organizá-las, enquanto sujeito activo do processo.

Falámos da importância decisiva do factor ideológico. É talvez o momento de lembrar que se Cabral considerou a carência da ideologia como a maior fraqueza do movimento de liber-

tação, para ele, a ideologia não é definida pelo rótulo que se lhe atribui e muitas vezes não corresponde a qualquer conteúdo real, mas sim, por aquilo que se faz na acção concreta.

Os factores de sucesso da verdadeira independência são múltiplos e em interacção dialéctica, devendo actuar em equilíbrio, sendo que o peso específico dum ou doutro varie conforme as etapas.

O domínio económico é fundamental, na medida em que o modo de produção é o factor motor da história, e a economia a base do poder político. Não haverá, contudo, desenvolvimento e ainda menos uma economia nacional independente, se além dos factores económicos não forem tidos em conta outros, nomeadamente os de âmbito político, social e moral.

Entendida a libertação nacional como um processo que se prolonga para lá da conquista da independência política, algumas questões surgem: o processo desenvolver-se-á espontaneamente ou será estimulado e dirigido, de forma consciente? Quele se sectores principais desse processo e qual a sua forma de actuação?

A análise das sociedades dominadas pelo colonialismo, e em particular de caboverdiana e da guineense, levou Cabral a constatar a inexistência duma burguesia nacional, na verdadeira acepção da palavra. Por outro lado, se o grupo de assalariados, numericamente débil e sem uma consciência de classe, embora potencial aliado da luta, se revelara incapaz de agir por si só na sua condução, o campesinato, com um nível baixo de consciência e desenvolvimento também não se mostrava apto para assumir o papel de força revolucionária principal. Portan-

to, por razões históricas que se situam ao nível da apreensão da realidade da dominação estrangeira, e da capacidade de assegurar o funcionamento do aparelho de Estado, à pequena burguesia caberia a missão de dirigir o processo libertador.

Não ignorando o carácter vacilante dessa camada, entre o sector hostil à ideia da independência e o sector chamado revolucionário, Cabral precisou que só a este último caberia o papel de portador da história.

Cabral considerou essa situação histórica que impõe a tomada de poder pela pequena burguesia como uma fatalidade e uma fraqueza da luta de libertação. As características negativas da pequena burguesia - camada social sem base económica de sustentação do poder político e com tendências elitistas e de enturgescimento -- exigem, para que a libertação nacional seja bem sucedida em termos de revolução social, que ela aprofunde a sua consciência revolucionária, e se identifique com as aspirações das massas trabalhadoras. Isto é, o sector dirigente da pequena burguesia deve "suicidar-se" como "classe". Dizemos "o sector dirigente" porque entendemos que é do seu sector revolucionário e não de toda a pequena burguesia que se espera o "suicídio".

Trata-se, em efeito, duma luta contínua e complexa entre as tendências positivas e negativas a favor ou contra a revolução, luta que se trava numa mesma camada social, estendendo-se o seu campo às próprias consciências individuais.

Considerando como componentes da essência do pensamento de Cabral e como sua contribuição mais útil a esta fase da luta, os conceitos que ele avançou sobre o Partido, a moral e a democracia revolucionária, aspectos que passamos a abordar.

Para Cabral, o sucesso da revolução depende do desenvolvimento da consciência revolucionária das massas populares. Esta consciência, não sendo espontânea, deve ser forjada na luta.

Dai a necessidade do Partido, enquanto instrumento de luta!

Decerto que os partidos políticos aparecem historicamente como um produto da vida social e expressão organizada de forças sociais em luta - as classes.

Reconhecendo que, de uma forma geral, em África não se desenvolvem fenómenos que engendrem partidos, os quais surgiram como algo estranho introduzido do exterior, Cabral considera que, para a libertação e construção do progresso do nosso povo, é tão necessário o Partido como os tractores e outras máquinas, que ainda não produzimos mas são indispensáveis ao desenvolvimento.

O Partido surge como uma necessidade histórica. Ele é o núcleo avançado das massas, cujas aspirações apreende e elabora, dando-lhes consistência. Procura desenvolver nelas a consciência da sua situação e, consequentemente, da necessidade da luta.

Para Cabral, o Partido é uma vanguarda; a vanguarda revolu

cionária do povo, integrada pelos melhores filhos, pelos mais esclarecidos, os quais são chamados a conduzir a luta pela verdadeira independência.

Para poder apreender o sentir das massas e elevá-lo ao nível da consciência capaz de determinar a acção, o Partido não pode existir fora ou à margem do povo. Para Cabral não basta que o Partido se proclame defensor do povo. Inconsciente e surdo ao existir nas massas, só delas recebe a seiva que o mantém vivo, enquanto força revolucionária.

Eis por que o Partido deve estar inteiramente ligado às massas populares; "à frente, atrás e no meio delas", guiando-as e aprendendo com elas.

A direcção pelo Partido só é aceite "se, em todos os níveis, estiver em ligação permanente com as massas populares" se "as suas aspirações, iniciativas e críticas foram ouvidas e respeitadas".

Outro aspecto importante na ligação Partido-massas, em Cabral, é que o Partido não deve impor-se às massas, por mais justas que sejam as suas ideias. As ideias justas acabam por ser compreendidas através dum processo contínuo de educação, e só então materializadas com as massas e através delas. O Partido começa do princípio que a ninguém se pode impor a felicidade. Daí que, tendo em consideração o nível de desenvolvimento da sociedade, os costumes e tradições, a luta se tenha desenvolvido na base de tolerância, mesmo de certos aspectos negativos da cultura.

Des sendo a categoria "massas" algo indiferenciado, englobando várias classes, poderá o Partido exprimir os interesses de todas elas?

Se os partidos historicamente surgem ligados à luta de classes, qual a classe que defende o nosso Partido?

Cabral, de resto, não iludia o problema das classes nem na nossa sociedade, nem em África. "Nas condições da África, de países como o nosso, não há classes tão desenvolvidas como noutros países mais avançados economicamente. Mas a verdade é que em qualquer sociedade em desenvolvimento as classes existem. E tanto podem estar na forma de ovo como na de galinha. Mas nós todos sabemos que o ovo também é galinha. E depois da independência duma terra como a nossa, este fenómeno de classes desenvolve-se rapidamente, mais rapidamente do que na cadência normal dum povo que não passou por uma situação como a nossa".

Nas condições concretas da dominação colonial, o Partido, enquanto "movimento de libertação nacional", exprimiu os interesses da nação, que queria libertar-se. Contudo, como afirmara Cabral, nós criámos um Partido, "pensando no amanhã", na necessidade duma vanguarda com ideias claras e definidas, para acabar com toda a espécie de exploração, por estrangeiros ou nacionais. Aliás, como se depreende do seu Programa, o Partido exprime os interesses do povo que, na aceção de Cabral, é formado por aqueles que agem, em cada momento histórico, de acordo com as tendências do progresso. "O nosso povo tem que lutar ao mesmo tempo contra os seus inimigos de dentro: todas aquelas camadas sociais, classes da nossa terra que não querem progresso

do povo, mas querem só o seu progresso, das suas famílias, da sua gente".

Tendencialmente pois, o Partido identifica-se assim assim com os interesses dos que vivem do seu trabalho e não da exploração (das classes trabalhadoras), dos que estão interessados na materialização do seu Programa.

Essa defesa intransigente dos interesses do povo constitui um princípio sagrado do Partido em Cabral, um valor moral fundamental que deve nortear os seus membros. Assim, dizia: "À medida que somos capazes de pensar no nosso problema comum, nos problemas do nosso povo, da nossa gente, por cima do devido nível os nossos problemas pessoais e, se necessário, sacrificarmos os interesses pessoais, somos capazes de fazer milagres. Assim devem ser todos os dirigentes, responsáveis e militantes do nosso grande Partido, no serviço da liberdade e do progresso do nosso povo".

Na obra de Amílcar Cabral, encontramos uma constante denúncia dos comportamentos incapazes não só com a moral da luta, a moral revolucionária, mas também com a moral comum.

É de todos conhecido o papel importante que ele atribuía à luta contra as nossas próprias fraquezas, que considerava, em qualquer etapa da libertação nacional, como mais difícil do que a bravada contra o inimigo. Sabia que nossas fraquezas se situava o campo mais favorável para o trabalho inimigo. A viva experiência acumulada através do movimento africano de libertação, reforçada pela própria luta que ele conduzia, levou Cabral a identificar entre as causas principais de fracassos registados razões de carácter moral a ambição, a corrupção a

irresponsabilidade, o oportunismo.

Para Cabral contudo, a moral não é algo imutável, sendo antes um produto da realidade social, variando com as modificações operadas com o processo histórico e influenciando essa mesma realidade: À medida que nós avançamos o caminho das atitudes dignas somos mais fortes; à medida que avançamos no caminho das atitudes indignas, tornamo-nos mais fracos! Assim, ao mesmo tempo que criticava e combatia valores negativos, estimulados ou nascidos com a dominação colonial, capazes de conduzir à traição dos objectivos da luta, Cabral enaltecia os altos valores, conscientes ^{de} que da luta brota uma nova consciência moral. A luta cria assim, novos valores morais que, por sua vez, a influenciam positivamente.

A vida e obra de Amílcar Cabral testemunham uma luta grandiosa no domínio da moral.

A construção duma sociedade sem miséria, sem sofrimento, sem injustiça, sem barreira sociais, em que o homem seja plenamente livre e nunca explorado pelo seu semelhante, onde reine a paz, o progresso e a felicidade, são os objectivos últimos da luta. A nossa realidade assim perspectivada representa necessariamente um ideal, uma moral futura, bela deserto, mas distante da realidade actual, no plano social e individual. Cabral encarou sempre com optimismo a luta entre o ideal e a vida real, optimismo baseado na confiança de que o homem pode ultrapassar os seus aspectos negativos com o desenvolvimento e pela educação moral, política e ideológica e

caminhar para o ideal.

Se Cabral perspectivou o ideal, tinha profunda consciência da realidade, do peso do elemento conservador, do valor do passado, não exigindo o que estivesse para além das possibilidades presentes, aceitando, por vezes, ainda que temporariamente, certos costumes negativos. Quer dizer, essa marcha para o ideal, que nos termos duma curva assintótica, não se faz de forma contínua. Vai por saltos e por etapas, consoante as condições. E em cada etapa há novas metas, cada vez mais próximas do ideal, mas que estão ainda longe de ser o ideal.

Um grande mérito de Cabral foi o de inculcar a confiança no futuro, sem falso idealismo, mas à luz das conquistas e possibilidades do homem.

Cabral deu atenção grande à formação do homem novo, política, moral, e cultural, no seio do Partido e das massas, no processo educativo permanente da própria luta. Não apenas criou, através do Partido, condições para impulsionar a formação, como exaltava os militantes e sobretudo os responsáveis, a melhorar os seus conhecimentos, a sua cultura, a irer à essência das coisas e dos problemas da vida e da luta em vez de ficarem nas aparências. Sabia ser esta a única via que permitia eliminar o medo, a ignorância, a submissão ante as forças da natureza e os demais aspectos negativos, avançar na formação duma concepção científica do mundo.

Não basta proclamar princípios morais. Sublinhava Cabral que o povo só luta por objectivos concretos. Os princípios de nada servirão se não fo

rem sendo materializadas no quotidiano da acção. É nessa acção transformada que se modela a consciência. A pedagogia em Cabral é dinâmica e activa, ela é praticada numa luta quotidiana, enaltecendo o positivo e combatendo o negativo.

A moral em Cabral está intimamente ligada aos objectivos da libertação nacional, à nova sociedade que dela emergirá, às tendências progressistas, às leis do desenvolvimento económico e social, às novas relações sociais de produção a instaurar, à nova cultura a criar; ela é baseada numa concepção científica do mundo e tem o homem e a sua formação integral como elemento fundamental: trata-se do homem social, cujo desenvolvimento e libertação se faz de acordo com os interesses colectivos.

A moral foi conferida por Cabral uma dimensão pouco comum (citamos): "No âmbito geral do movimento de libertação nacional, especialmente em condições como as nossas, o comportamento moral do combatente, em particular dos dirigentes, é um factor primordial que pode influenciar significativamente o êxito ou o fracasso do movimento. É evidente que a luta é essencialmente política, mas as circunstâncias políticas, económicas e sociais - históricas - em que se estrutura e desenvolve o movimento, conferem aos problemas de natureza moral uma particular importância devido principalmente às fraquezas próprias do movimento nacional ou às possibilidades de oportunismo que o caracterizam, às pressões e manhas utilizadas pelo inimigo imperialista, assim como à dificuldade, mesmo à impossibilidade de um controlo do movimento e dos seus chefes pelas massas populares nacionalistas."(fim de citação).

Lembramos que, para Cabral, o sector revolucionário da pequena burguesia chamado a dirigir o Estado nascido da libertação nacional, deveria, para não trair, "suicidar-se como classe" e abraçar a revolução.

Esta solução em favor da revolução é determinada por factores não só do âmbito político mas também do âmbito moral.

A política e a moral aparecem, pois, em Cabral, formando uma unidade indispensável ao sucesso da luta.

Quando Amílcar Cabral diz: "Eu vi gente morrer de fome em Cabo Verde e gente morrer de açoites na Guiné (com bofetadas, pontapés, trabalho forçado)... Essa é que é toda a razão da minha revolta...", põe também em relevo o factor moral que foi decisivo para muitos dos que abraçaram o caminho da luta.

A revolta é uma revolta moral. Mas desde a antiguidade que é enunciado o princípio de que não pode haver moral dos indivíduos sem antes se proceder à reforma política do cidade.

A revolta moral deve implicar como condição de êxito, uma revolta política. Entre a moral e a política existe uma unidade dialéctica em que a moral opera como sustentáculo da organização, em sentido lato, da luta política e esta como a condição da emergência duma nova moral.

Todos sabem quão complexo e importante é o problema do subdesenvolvimento, considerado o grande desafio do nosso tempo e de cuja solução depende o futuro da humanidade. É um problema económico, social e, sobretudo,

político. A sua solução satisfatória tem de ser essencialmente universal.

A nossa posição é que para a sua realização plena, o homem deve ser a "pedra angular de todo o desenvolvimento". Nas condições de país pobre de recursos com todas as sequelas do colonialismo, não atingiremos o desenvolvimento económico se não houver uma constante busca da formação integral do homem, indispensável à criação duma vontade colectiva nacional que se expressa numa unidade de acção.

Na criação e fortalecimento dessa vontade colectiva, vemos ainda o papel importante da moral e da cultura - duma nova moral e duma nova cultura "popular, nacional, científica e universal" - como factores de agregação e homogeneidade social e até de sustentação da organização necessária ao desenvolvimento.

Nas uma nova moral, elemento da consciência revolucionária que traga novas regras de conduta a serem interiorizadas por todos, e cada um, e convertidas em estímulos para acção concreta, deve ser necessariamente produto da própria luta. Ou seja, deve surgir como uma necessidade interna e não exterior, e exigirá um quadro político adequado.

Para Cabral, cremos ser esse quadro a democracia revolucionária.

A democracia revolucionária, em Cabral, encerra um duplo conteúdo, ético e político.

Enquanto ético, define os princípios, as normas de comportamento de cada um em relação a si mesmo e para com as massas populares.

A democracia revolucionária combate a ambição, a mentira, a desonestidade, o oportunismo, a demagogia, a irresponsabilidade, a falta de respeito. Exalta a coragem, a prática e a defesa da verdade em todas as circunstâncias, diante dos militantes, dos responsáveis e do povo, a confiança mútua e nas massas, a identificação com os interesses do povo, o amor ao estudo.

Enquanto política, a democracia revolucionária define, de certo modo, a organização do poder - poder que emana do povo. Defende a participação do povo nas decisões que lhe dizem respeito, o avanço para uma etapa em que "as armas e os meios de defesa da revolução estejam inteiramente nas mãos do povo". Exige que sejam os melhores a dirigir o Partido e o povo e que ninguém tenha medo de perder o poder - razão por que, segundo Cabral, muitas terras caíram em desgraça. É como o povo deve decidir, implica que em todas as circunstâncias conheça a verdade.

O suicídio que a revolução exige da pequena burguesia - o sector revolucionário - é um processo mais ou menos lento, mais ou menos longo, consoante as condições objectivas e subjectivas da luta, que se realiza com o aprofundamento da prática da democracia nacional revolucionária e de princípios como a direcção colectiva e a crítica e a auto-crítica.

A medida do avanço ou regressão da pequena burguesia no caminho do suicídio, pode ser dada pelo grau e extensão da participação das massas na gestão da sociedade, pelo poder e capacidade de controle da direcção do movimento de libertação, entendido em sentido lato, e pelas condições criadas para o efeito.

Entendendo que a participação deve realizar-se a nível das decisões, na sua elaboração como na execução e controle da aplicação das mesmas, e nos diversos escalões e sectores da vida nacional: político, administrativo, económico, cultural, na justiça, na defesa e segurança. Só assim as armas e os meios de defesa (no sentido amplo) da revolução estarão, de facto, nas mãos do povo.

Mas a prática da democracia revolucionária exige organização da participação. Aprende-se a participar, participando. Só através da participação activa, consciente e organizada das massas, sobretudo das massas trabalhadoras, se forjará a consciência política e moral nova - a consciência do seu próprio papel na sociedade - se criará a capacidade de as massas distinguirem os seus reais interesses dos fictícios e, portanto, de controlarem e exercerem de facto o poder. É uma condição fundamental da verdadeira independência.

Por isso, resulta evidente que da organização do poder do Estado depende em larga medida o sucesso da democracia revolucionária e, afinal, da revolução. Isto é tanto mais verdadeiro quanto é certo que na situação de subdesenvolvimento económico do país, o Estado é a alavanca decisiva na construção do progresso.

A participação responsável permite desenvolver a consciência da necessidade da coesão e disciplina como valores indispensáveis ao sucesso da obra colectiva.

No quadro da democracia revolucionária, o papel do Partido enquanto força política dirigente como educador, orientador e organizador das massas é fundamental, sobretudo na etapa inicial.

Ao Partido cabe indicar o caminho, suscitar a iniciativa e a organização, favorecer a democratização da sociedade, avançar com as massas, mas sem as substituir nem aos organismos do poder. Actua por intermédio dos seus órgãos e, sobretudo, dos seus membros, influenciando política e ideologicamente as diversas camadas da sociedade, participando e contribuindo para a discussão e solução dos problemas, mas deixando aos organismos de soberania eleitos tomar as decisões que forem da sua competência.

*

Procurámos apresentar, ainda que duma forma breve, alguns conceitos teóricos do pensamento de Cabral relevantes para a fase actual da reconstrução nacional. É natural que se questione sobre a sua actualidade, sobre a sua operacionalidade ou utilização no nosso país.

Não hesitamos um momento sequer em afirmar que os conceitos abordados são actuais para o movimento de libertação em geral, e que a sua operacionalidade se confirma através da prática política caboverdiana, a qual corresponde à filosofia da reconstrução nacional de Cabral.

A sociedade caboverdiana, terreno em que operamos, tem características várias que lhe dão uma certa singularidade: é uma sociedade nascida duma influência de povos e culturas, num regime escravocrata que só desapareceu há cerca de um século; subdesenvolvida, confina

da a um país insular, assolada por secas que dizimavam periodicamente os seres vivos; é uma sociedade agrícola mas com uma produção alimentar insuficiente; é uma sociedade em que uma parte da nação vive no exterior, sendo a população emigrada superior à residente; é, enfim, uma sociedade aberta para o exterior, de que sofre influências culturais e ideológicas, positivas umas, negativas outras.

Temos a vantagem de ser uma nação, mas estes diversos aspectos da realidade que apresentámos não deixam de pesar no ritmo das transformações necessárias.

Existe, contudo, uma prática política em Cabo Verde que, dentro dos condicionalismos do meio e para alén da consciência do muito que há a fazer nos diversos domínios para o seu aperfeiçoamento, não deixa de constituir motivo de nosso orgulho, como companheiros de luta e continuadores da obra de Amílcar Cabral!

A nossa prática da democracia revolucionária vem-se alargando continuamente, aprofundando-se o seu conteúdo.

Afirmada no Programa do Partido e consagrada na Constituição, vêmo-la desenvolver-se na organização das massas à volta dos seus interesses específicos e na sua participação na gestão da nação, na vida política, na economia, na defesa, na administração, na justiça, na elaboração das leis e decisões fundamentais, na cultura. A possibilidade e a capacidade de controle pelas massas aumentam, podendo elas mesmo opinar, nos locais de trabalho e residência, sobre os militantes que entrem para o Partido.

Existem naturalmente, dificuldades a vencer - umas inerentes ao estado de atraso político-ideológico e cultural das populações após cinco séculos de dominação colonial; outras, resultando de resistências decorrentes das contradições de interesses que ainda prevalecem na nossa sociedade, não apenas entre os que possuem meios de produção e os que não os possuem, mas também entre camadas sociais com interesses não antagónicos.

Na "caminhada forçada" para o progresso, avançamos, talvez lentamente, mas com segurança, na materialização dos ideais de Cabral.

E isto constitui a nossa mais bela homenagem a esse filho digno do povo da África, combatente eminente das causas justas!

.../...